

# Notas sobre a expansão e as metamorfoses do protestantismo na América Latina

*Zwinglio M. Dias\**

## Sinopse

---

Focalizando a realidade sociocultural do protestantismo no contexto latino-americano, este artigo procura delinear, brevemente, os processos de suas diferentes formas de inserção histórica e de interação com os valores culturais-religiosos já consolidados nas sociedades do continente quando de sua chegada. Ademais, procura assinalar o desencontro sociocultural da experiência simbólica do protestantismo com as estruturas de sentido estabelecidas pelo desenvolvimento de matrizes culturais-religiosas durante o período colonial. Este desencontro seria responsável pelo "insucesso" da empresa missionária original e pela transformação da proposta eclesiológica dos protestantismos aqui chegados em versões outras que a originalmente intencionada.

---

**Palavras-chave:** Protestantismos; América Latina; Mudança Cultural.

---

## Abstract

---

Focusing on the socio-cultural reality of Protestantism in the Latin-American context, this article is an attempt to briefly outline the process of its historical insertion in and interaction with the cultural-religious values already present in the societies of the continent. Moreover, the article tries to point out that the symbolic experiences of Protestantism departed from the structures of meaning developed during the colonial period in the region. This lack of coincidence would

---

\* Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião (PPCIR-UFJF), MG. Pastor da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil e colaborador de "KOINONIA - Presença Ecumênica e Serviço".

respond for the "failure" of the original missionary enterprise and for the transformation of the ecclesiastical proposals of Protestantism in something quite different from what was originally intended.

**Key words:** Protestantisms; Latin America; Cultural Change.

---

Os protestantes vinham chegando com suas múltiplas denominações, situando-se lado a lado e em pequenas comunidades, as quais, apesar da aparente unidade de fé, na realidade apresentavam características de concorrência. Ao contrário do monolitismo católico, os protestantes já chegavam divididos.<sup>1</sup>

## Introdução

Mais que nunca a expressão "protestantismo" deixou de ser unívoca. Se para o público em geral a expressão se presta para designar os cristãos não-católicos-romanos, ela está longe de ser aceita passivamente pelas diferentes correntes que compõem o espectro eclesiológico oriundo da Reforma protestante do século XV. A emergência do movimento pentecostal, nos inícios do século XX, caudatária, sem dúvida, de outros movimentos nascidos na Europa e na América do Norte a partir do século XVII, com sua ênfase anti-racionalista e de grande fervor religioso-emocional, ao adaptar-se ao substrato religioso da cultura latino-americana e, particularmente, da brasileira, trouxe consigo uma complicação ainda maior. Com isso a expressão "protestantismo" tornou-se absolutamente insuficiente para caracterizar e enfeixar as multifacetadas variantes das alternativas cristãs ao catolicismo romano.

A partir de sua implantação e desenvolvimento no interior das diferentes formações culturais da América Latina outros apelativos como "evangélicos" e "crentes" ganharam a preferência de diferentes famílias confessionais ao ponto da expressão "protestante" estar perdendo não apenas seu conteúdo semântico como sua própria significação histórica. No caso brasileiro

---

1 Antonio G. MENDONÇA, Prócoro VELASQUEZ FILHO, *Introdução ao protestantismo no Brasil*, p. 75. [Para referências bibliográficas completas destes e dos demais títulos, cf. as Referências bibliográficas no final do artigo].

isto se deveu, em grande parte, à refração cultural sofrida pela versão norte-americana do protestantismo aqui implantada, que não foi capaz de assumir, plenamente, os valores e as formas culturais próprias do *ethos* religioso brasileiro.

Na ausência de uma expressão mais abrangente falaremos de protestantismo de forma genérica e plural chamando sempre a atenção para as distinções que se fazem, forçosamente, necessárias. Os historiadores e estudiosos dessa manifestação religiosa dentro do cristianismo distinguem no Brasil três vertentes principais: o protestantismo de migração, o protestantismo de missão e o movimento pentecostal. Outras duas vertentes se acrescentarão mais tarde, especialmente, a partir da segunda metade do século XX, como resultado da interação das primeiras com o imaginário religioso característico do universo cultural do continente, tendo como pano de fundo as transformações socio-econômicas e políticas do período. Estas duas novas e tardias manifestações estão diretamente referidas ao processo de crescimento do movimento pentecostal. As duas primeiras, em geral, são englobadas sob a denominação de protestantismo histórico. No que se refere ao movimento pentecostal há dúvidas quanto à legitimidade de sua classificação como uma forma eclesiológica protestante. Porém, dada a sua importância no espectro religioso do continente, e seu inegável parentesco com determinadas expressões do protestantismo de missão não temos como não considerá-lo como parte da grande família do Protestantismo latino-americano.

Dados os limites deste artigo não nos ocuparemos com a descrição detalhada dos aspectos identitários característicos das famílias confessionais (ou denominacionais) que compõem estes segmentos básicos que estão na origem do pluralismo protestante que hoje gravita com intensidade no interior do campo religioso latino-americano. Naturalmente, nosso enfoque privilegiará o contexto cultural-religioso brasileiro, no qual se encontram, atualmente, cerca de 50 por cento das famílias eclesiológicas protestantes presentes na América Latina.

No primeiro momento desta exposição procuraremos apresentar uma análise sucinta, de caráter mais socio-histórico sobre a chegada do protestantismo em nossas latitudes para, em seguida, num segundo momento, oferecer alguns comentários a

respeito de sua interação com a cultura religiosa de nossas sociedades e sua significação como estruturas alternativas de sentido no interior de nossas sociedades. Tentaremos discutir as formas de religiosidade que estas expressam e difundem, numa mescla estonteante de emancipação individualista, autoritarismo e visão mágica do mundo.

Por outro lado desejamos sublinhar as debilidades das versões do protestantismo aqui implantadas que não souberam, ou não puderam mesmo, resistir à antropofagia cultural dos trópicos, indigenizando-se, (hoje se diz inculturando-se) não segundo os modelos eclesiástico-pastorais exportados pelas metrópoles espirituais do primeiro mundo, mas segundo os sonhos, desejos e carências vivenciados e sentidos a partir das matrizes religioso-culturais construídas, positiva e negativamente, na resistência ao cruel e desumano processo colonizador que, por outros modos, continua ainda em vigência.

## **I Os protestantismos entre nós**

### **1.1 O protestantismo dos imigrantes**

O protestantismo de imigração, nas primeiras décadas de sua implantação, caracterizou-se, principalmente, como uma forma de religião étnica, uma vez que chegou como parte do acervo cultural do imigrante europeu. Este imigrante aqui chegou como resultado do projeto liberal do Império de importar mão-de-obra européia para fazer frente ao esgotamento do modelo escravista e, ao mesmo tempo, garantir a hegemonia branca por meio do embranquecimento ou, como se dizia, na época, do “aprimoramento da raça”. Enquanto as colônias de imigrantes alemães, principalmente no sul do país e no Espírito Santo, se mantiveram culturalmente isoladas num entorno caracteristicamente rural, esse tipo de protestantismo foi capaz de resistir à cultura dominante durante décadas consolidando um ethos religioso profundamente referido aos elementos característicos da Reforma luterana.

Neste ponto cabe registrar que os anglicanos da primeira hora e os reformados de origem holandesa, em número consideravelmente menor, são contados também como expressões

deste tipo de protestantismo. Os anglicanos, na verdade, foram os primeiros a chegar em diferentes regiões da América Latina. No caso brasileiro eles se estabelecem após o decreto de D. João VI, de abertura dos portos brasileiros ao comércio internacional, uma vez que a Inglaterra instalou burocracias nos principais portos exportadores do país. Assim, os funcionários ingleses foram contemplados com a permissão para o exercício de sua religião. Em razão disso é que foi construído o primeiro templo protestante no país, em 1821, na cidade de Recife, para atender às demandas religiosas dos portuários ingleses daquela cidade. Mais para o final do século missionários anglicanos, de origem norte-americana, começaram a chegar instalando-se, preferencialmente, no sul do país e imprimindo uma característica mais “evangelística” a esta igreja.

Os imigrantes holandeses, à semelhança dos alemães, vão estabelecer suas comunidades religiosas, de corte calvinista, no interior de suas colônias, em sua maior parte no Estado do Paraná que, mais tarde, vão se transformar na Igreja Reformada do Brasil.

A transformação econômica e sociopolítica da sociedade brasileira a partir de meados do século XX, com o intenso processo de urbanização que gerou, enfraqueceu os traços culturais que ancoravam este tipo de protestantismo, expondo-o às influências da cultura dominante. Numericamente hegemônico no interior do protestantismo histórico o luteranismo, como as demais igrejas do mesmo tipo, vê-se hoje sujeito às mesmas influências que assediavam as diferentes famílias do protestantismo de missão.

## 1.2 O protestantismo dos missionários

O protestantismo de missão chega à América Latina, e em particular ao Brasil, como parte do projeto expansionista das nações norte-atlânticas, especialmente dos Estados Unidos. Apesar da roupagem pietista, que concentra a relação com o transcendente numa experiência místico-subjetiva, o protestantismo de missão aqui chegou nas asas do liberalismo já consolidado em sua sociedade de origem, apresentando-se como um desafio à sociedade brasileira, então escravista, aristocrática e conservadora. Seu conteúdo teológico, embora caudatário das principais formulações da Reforma do século XVI, hipertrofiou a

dimensão pessoal da salvação legitimando, com isso, o individualismo característico do liberalismo.

Dadas as características quase feudais da sociedade brasileira, onde não havia espaço para o exercício mínimo da cidadania, o protestantismo de missão vai funcionar, a princípio, como um elemento de ruptura e transformação social ao fazer coincidir seu discurso teológico anticatólico com as premissas básicas do modelo liberal de sociedade, antagônico, portanto, à estrutura sociopolítica e econômica do país.

Ao transformar católicos-romanos em protestantes este tipo de protestantismo estava, aparentemente, lançando as bases para a formação de um novo modelo de cidadão no país: moderno, burguês, liberal; responsável por si mesmo e pela construção de uma nova sociedade. A ênfase na educação e na erradicação do analfabetismo, por si só, já demonstrava os alcances da nova proposta eclesiológica emergente no país a partir da segunda metade do século XIX.

Tratava-se, entretanto, de um projeto contraditório e de curta duração. Bastou que a sociedade brasileira se integrasse ao processo de modernização do mundo ocidental, para que as carências deste projeto se tornassem evidentes.

Preso a uma concepção ingênua de sociedade, que não levava em conta as interações entre os grupos sociais e as gritantes contradições de classe, o protestantismo de missão, caracteristicamente, não foi capaz de perceber a natureza peculiar e própria da formação sociocultural brasileira que a distinguiu da sua congênere norte-americana.<sup>2</sup> O ideal societário proclamado por meio de sua mensagem teológico-doutrinária não encontrou ressonância suficiente que lhe proporcionasse o desempenho de um papel transformador significativo no âmbito sociocultural e político nacional. Contribuiu para isto, e muito, sua incapacidade de inculturação, revelada no rechaço de tudo aquilo que constituía, na realidade, o *ethos* característico da cultura latino-americana em geral e, em particular do Brasil, mas que era entendido como conteúdo próprio do catolicismo. Razão porque as igrejas do protestantismo de missão se caracterizaram, por décadas, como espaços deculturizadores de frações descontenten-

2 Rubem ALVES, *Dogmatismo e tolerância*, p. 113 ss.

tes e frustradas dos setores médios da sociedade em função de sua impotência social e política. Acrescente-se a isto que a proposta eclesiológica, com seu concomitante projeto sociopolítico, dado seu rigorismo ético-moralista pouco a pouco começará a perder sua capacidade de produção de sentido para os setores médios aos quais o protestantismo de missão preferencialmente, se dirigia, na medida em que a modernização das sociedades latino-americanas avançava, especialmente a partir dos anos posteriores à Segunda Guerra Mundial.

Incapaz de perceber as mudanças que começaram a sacudir e transformar a sociedade brasileira, com o advento da industrialização e o vertiginoso e caótico processo de urbanização, o protestantismo de missão vai congelar sua visão de mundo e sua mensagem religiosa perdendo, assim, seus interlocutores preferenciais, anquilosando-se e se transformando numa subcultura de refúgio para segmentos dos setores populares, e da incipiente classe média, ávidos de ascensão social, porém objetivamente incapacitados de alcançá-la.

Entretanto nem tudo foi perdido nesse processo de transplante e inserção do protestantismo histórico na realidade sociocultural latino-americana. Os ideais democráticos e a ênfase na cidadania responsável geraram alguns resultados positivos que precisam ser resgatados. É verdade que em proporção bem menor do que se esperava. Mesmo assim deixaram sua marca no processo de construção da consciência de cidadania no interior de nossas sociedades.

### 1.3 O protestantismo iluminista: uma metamorfose tropical?<sup>3</sup>

Antonio G. Mendonça, ao trabalhar com os conceitos de “situação-limite” e “reserva religiosa” de P. Tillich em sua análise da gravitação histórica do protestantismo, lembra que, para este autor, o protestantismo “ao se ajustar constantemente à cultura e assumir com ela perigosos compromissos(...) só pode sobreviver graças a sua ‘reserva religiosa’ dinamizadora nas ‘situações-limite.’”

---

<sup>3</sup> Expressão usada por Leonard para se referir ao movimento pentecostal. Cf. Émile G. LEONARD, *O protestantismo Brasileiro*; Id., *O iluminismo num protestantismo de constituição recente*.

Para Mendonça “a mensagem dos missionários protestantes pode ser vista como a ‘reserva religiosa’ do protestantismo em meio ao canhonheio das correntes científicas, filosóficas e sociológicas que compunham o liberalismo do século XIX (...) Essa ‘reserva religiosa’ encontrou um receptor em ‘situação-limite’, quer dizer, um extrato da população brasileira sem rumo e sem horizonte, à margem das leis e da sociedade. Aí ela, a mensagem, caiu bem. Mas, a ‘reserva religiosa’ inicial enrijeceu-se e ideologizou-se no fundamentalismo e invadiu o protestantismo brasileiro e, este, por sua vez, superando suas condições sociais iniciais de ‘situação-limite’ descansou no conforto da pequena burguesia urbana.”<sup>4</sup> Segundo ainda este autor o protestantismo histórico não foi capaz de sustentar sua “reserva religiosa” e perceber as novas “situações-limites” que se criavam com o incremento da urbanização, quando a população se concentrava nas cidades e anelava por propostas plausíveis de organização e reestruturação simbólica que a mística e a espiritualidade lhes podiam oferecer. O movimento pentecostal, presente na sociedade brasileira desde a segunda década do século, assumiu esta “reserva religiosa” na medida em que integrou em sua mensagem salvacionista, escoimada do enrijecido racionalismo do protestantismo histórico, os conteúdos simbólicos, místicos e mágicos daquilo que J. Bittencourt Filho denominou de “matriz religiosa brasileira”.<sup>5</sup>

Desenvolvendo-se nos grandes aglomerados urbanos, em meio às massas de trabalhadores (i)migrantes, as igrejas do movimento pentecostal conheceram acelerado crescimento numérico a partir da década de 50 complexificando-se, desde então, numa teia de formas organizacionais as mais distintas. Aí se combinaram a herança do messianismo milenarista oriundo da espiritualidade do protestantismo histórico e o substrato religioso da cultura brasileira, também eivado do milenarismo subjacente ao catolicismo popular, num encontro feliz, ainda mais que regado com o, a princípio, admirado, mas nem sempre desejado, rigorismo moralista do protestantismo de missão, hoje a caminho de sair de cena, especialmente nas formações eclesiológicas recentes do movimento pentecostal.

---

4 MENDONÇA, Discussão sobre a viabilidade do protestantismo histórico no Brasil, p. 5.  
5 José BITTENCOURT FILHO, matriz religiosa brasileira - notas ecumênicas.



Na segunda metade do século XX vamos observar o movimento pentecostal avançando com ímpeto no interior de uma sociedade brasileira em processo de desenvolvimento sócio-econômico desigual e perverso que privilegia, via uma modernização seletiva, as velhas estruturas de poder econômico e político ao mesmo tempo em que sacrifica, pela exclusão econômica e a marginalização política a grande maioria da população do país. Exposto a uma luta desigual e cruel pela sobrevivência esta população se vê tangida para os centros urbanos em busca de trabalho onde é tolhida num processo de urbanização caótico e desumano. É entre essa população em permanente aflição, desgarrada de seus valores mais caros que a mensagem pentecostal vai deitar raízes oferecendo toda sorte de lenitivos para o sofrimento e estruturas de sentido para os desorientados, mas sem atentar, no entanto, para as causas reais que produzem continuamente o mal estar social que caracteriza a sociedade como um todo. Por outro lado esta mensagem, em sua interação com a cultura dos segmentos por ela atingidos, entrou num processo de adaptação e transformação permanente que, pouco a pouco, foi-lhe escoimando de todos aqueles elementos de difícil ou impossível adaptação. Como isso podemos arriscar a dizer que a religiosidade pentecostal hoje, deitada no “berço esplêndido” da religiosidade tradicional brasileira, acabou por nacionalizar (culturalmente falando), definitivamente, o que restou do protestantismo em seu choque com a cultura brasileira.

No que se refere às experiências vividas em outras nações latino-americanas a história não é muito diferente. Tanto nos países do Caribe como naqueles banhados pelas águas do Pacífico, com maior ou menor intensidade que no caso brasileiro, as mesmas vertentes se fizeram presentes enfrentando dificuldades similares. O pentecostalismo chileno, por exemplo, com uma história muito peculiar, hoje abrange mais de 15 por cento da população do país, superando o brasileiro em relação ao total da população.

## 1.4 Quadro tipológico

Não é de fácil articulação uma tipologização exaustiva dos protestantismos na América Latina. Para uma maior visibilidade

das formações eclesiásticas a que nos referimos até aqui apresentamos uma tipologia, limitada às igrejas brasileiras, criada pelo Prof. José Bittencourt Filho, que tem a vantagem de ser ampla e classificar as novas formações advindas dos desdobramentos no movimento pentecostal. É a seguinte:<sup>6</sup>

Protestantismo de missão	Protestantismo de migração	Pentecostalismo clássico	Pentecostalismo autônomo	Neodenominacionalismo	Seitas
Congregacionais	Ig. Anglicana	Assembléia de Deus	Brasil para Cristo	Batista (de renovação)	Test. de Jeová
Presbiterianos	Ig. Luterana	Ig. Pentecostal	Deus é Amor	Ig. Metodista	Mórmons
Metodistas	Ig. Reformada	Ig. de Deus	Casa da Bênção	Wesleyana	Adventistas
Batistas		Congr. Cristã	Nova Vida	Ig. Cristã	
Episcopais		Ig. Evangelho	I.U.R.D.	Presbiteriana	
Luteranos		Quadrangular	Ig. Cristo Vive	Comunidade	
(Sínodo Missouri)				Evangélica	
				Ig. Renascer	
				Comunidades	
				Autônomas	

## 1.5 Quadro cronológico

Datas dos inícios de implantação das principais igrejas protestantes no Brasil:

Luteranos	1824
Congregacionais	1858
Presbiterianos	1859
Batistas	1882
Episcopais	1890
Assembléia de Deus	1911
Congregação Cristã do Brasil	1910

## 2 Surpresas no campo religioso Protestante

Toda esperança traz em si um gérmen de religião, mas nem toda religião é germinadora de esperança.  
(Ernst Bloch)

No decurso das três últimas décadas que fecham o século XX

<sup>6</sup> BITTENCOURT FILHO, F. C. ROLIM, Jesús HORTAL, Novos movimentos religiosos na Igreja e na sociedade, p. 42.

dois acontecimentos, dentre outros que poderiam ser destacados, podem ser tomados como marcos significativos das metamorfoses experimentadas pelo protestantismo no interior das sociedades latino-americanas e, particularmente, no âmbito brasileiro nesse período. São eles: a) o processo de constituição do Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI) em 1982, mas que se inicia 4 anos antes na assembléia continental de Igrejas realizada em Oaxtepec, México, em 1978; b) a compra da Rede Record de Televisão por parte da Igreja Universal do Reino de Deus (I.U.R.D.), em São Paulo, em 1989.

O primeiro acontecimento significou a superação de um longo e conturbado ciclo de mais de sessenta anos de desencontros, disputas e confrontos que mantiveram as igrejas protestantes latino-americanas separadas umas das outras, mais preocupadas com sua reprodução institucional do que comprometidas com a dura e sofrida realidade de seus países. Ao mesmo tempo, também, assinalou o esgotamento de modelos eclesiológicos até então vigentes, distanciados do rico e variado universo simbólico dos povos latino-americanos e divorciados de suas reais e urgentes necessidades. Contudo foi um marco importante na trajetória de um centenar de Igrejas e uma dezena de movimentos ecumênicos, continentais e nacionais, que, finalmente acertavam seus passos na busca de uma plataforma comum de articulação cooperativa, com o objetivo de fazer avançar o sonho da unidade ecumênica e, com isso, resgatar as melhores tradições do Protestantismo para fazê-las florescer nas terras latino-americanas.

O segundo acontecimento que destacamos mostrou a força de uma nova expressão religiosa, caudatária do movimento pentecostal, que, se bem que já estava presente no campo religioso nacional, ainda não havia produzido impacto social significativo, ou não tinha sido ainda percebida em toda a sua complexidade e potencialidade. O estupor causado na sociedade por essa aquisição não foi pequeno. De um lado os “evangélicos” em geral se regozijaram, mesmo aqueles que se opõem às práticas nada tradicionais da IURD, como que celebrando a superação de um sentimento de minoria oprimida pelo colosso da Igreja Católica Romana, que por tantas e tantas décadas alimentaram. De outro a reação da *mídia*, nada imparcial, repercutindo o descontentamento dos setores mais conservadores do catolicismo temerosos do

avanço pentecostal, passando pela desorientação de lideranças das Igrejas históricas do protestantismo, num misto de inveja e derrota pelo sucesso de um empreendimento religioso-empresarial que não conseguiam entender muito bem, até a perseguição judicial e econômica movida pela Rede Globo de Televisão contra Edir Macedo, fundador e líder incontestável da IURD.

Ambos os eventos parecem indicar, por um lado, que certas manifestações do velho protestantismo aqui implantando a partir de meados do século passado, que continuou sempre minoritário e presa de muitas camisas-de-força de corte teológico, político e cultural, encontram-se em seus estertores, e, por outro, que os novos movimentos religiosos oriundos do já clássico pentecostalismo encontraram eco no imaginário do povo e estão se constituindo numa nova expressão religiosa capaz de responder com eficácia à procura de sentido para vida deste povo submetido às duras realidades do capitalismo neoliberal. Na verdade, o que podemos observar na trepidante dinâmica do campo religioso protestante e/ou evangélico nos últimos trinta anos é resultado, em grande parte, tanto da falta de integração cultural da proposta religiosa para cá trazida pelos missionários protestantes e consolidada pelas Igrejas a que deram origem, quanto pela deglutição desse modo de vivência da fé evangélica por parte das formas religiosas já plasmadas no interior das matrizes religiosas das culturas latino-americanas.

Outrossim, importa repisar, o protestantismo que se consolidou por meio das igrejas históricas desenvolveu-se de costas para as culturas latino-americanas, rompendo decididamente com o imaginário popular e alheando-se dos seus graves problemas e suas dolorosas lutas para construir sociedades justas e humanas nestes “tristes trópicos”. Sua rejeição do modo de ser religioso latino-americano e brasileiro determinou seu encerramento em alguns dos segmentos sociais abertos à modernidade que ele, timidamente, representava. Estes, porém, sempre foram e continuam sendo exíguos em relação à massa de excluídos de nossas sociedades. Seus esforços de renovação e busca de unidade, voltando-se agora para as graves questões sociais e políticas e buscando os valores culturais que lhe faltam, não deixam de ser importantes e necessários, mas dão-nos a desconfortável impressão de que estão chegando um tanto tarde demais. No-

vas visões do sagrado e novas estruturas para sua administração foram construídas durante este tempo de seu absentismo ético-social, e a partir de uma outra lógica, aquela subjacente à cultura religiosa popular, que lhe tomaram o lugar embora tenham ficado com algumas de suas vestimentas.

## 2.1 A política dos Crentes... na política!

O crescimento e consolidação das novas configurações eclesiológicas advindas do mundo pentecostal, ao romperem com a teologia pietista do protestantismo histórico e sua ética individualista vão franquear todos os espaços da sociedade para uso e proveito de suas instituições. É assim que nestas três décadas vamos assistir a entrada decidida e aberta dos evangélicos na arena política. Pela primeira vez na história do Brasil, na década de 80, vamos ter uma bancada de deputados evangélicos no Congresso Nacional que vai se notabilizar por acordos, no mínimo suspeitos, com as forças políticas dominantes, e, com poucas e honrosas exceções, totalmente envolvida com os setores mais conservadores da vida pública brasileira. Nos anos seguintes esta situação não muda significativamente. Na Guatemala, um ditador militar e pentecostal, General Rios Montt empolga as massas evangélicas, mas faz um governo autoritário, corrupto e sanguinário como seus predecessores. No Peru, Alberto Fujimori se elege da primeira vez com o voto e o apoio decidido dos evangélicos. A herança protestante, por um lado, e o imaginário religioso popular, por outro, parece que explicam porque esta presença, aparentemente nova e promissora, não tenha tido efeitos verdadeiramente renovadores.

Se a prática religiosa desenvolvida a partir do universo pentecostal é resultado de sua aproximação ao mundo dos valores simbólicos da tradicional religiosidade latino-americana, isto significa, simplesmente, a superação da proposta de ruptura com esse universo oferecida pelo protestantismo histórico, em função de seus, com freqüência mal traduzidos, compromissos com a modernidade, e não uma mudança qualitativa nos hábitos e atitudes sociopolíticas característicos das sociedades do continente. Se não há ruptura só podemos falar de continuidade, o que significa afirmar o caráter conservador e acomodatório do pentecostalismo na manutenção de formas de religiosidade e modos de comportamento desde sempre presentes em nossas culturas.

## 2.1 Iguais... mas separados!

Em termos da sociedade brasileira observamos que o sucesso da expansão pentecostal, especialmente nas três últimas décadas, está produzindo uma reacomodação nas relações entre as igrejas protestantes/evangélicas marcada muito mais pela concorrência institucional do que pela busca de modos de cooperação ditados pelos mais altos valores evangélicos proclamados por suas respectivas tradições teológicas. Na medida em que se viram superadas pela força aglutinadora da mensagem pentecostal e incapacitadas para responder aos desafios que lhes são impostos pela sociedade, por motivos já explicitados, estas igrejas se tornaram presa fácil do rolo compressor das exitosas propostas eclesiológicas do pentecostalismo. Não sem conflitos internos, pouco a pouco se foi sedimentando como que uma nova mentalidade religiosa, apenas formalmente protestante. Porque ancorada na matriz religiosa tradicional que fundamentou a cosmovisão e o imaginário brasileiro fundindo as tradições indígenas, africana e do catolicismo popular ibérico, mas agora vestida com o linguajar teológico do pietismo protestante e com as ênfases características do movimento pentecostal.

Nos últimos trinta anos a prática ecumênica assumida formalmente por setores do protestantismo histórico se viu profundamente afetada por esse processo, tanto no que se refere às relações entre os ditos evangélicos como na relação destes com a Igreja Católica Romana. É que frente à nova configuração do campo eclesiástico as denominações sensíveis ao ecumenismo, porém, em alguns casos, mais sensíveis ainda aos seus interesses de reprodução institucional, porque colocadas numa situação de concorrência mercadológica implacável, passaram a se ocupar muito mais consigo mesmas, reduzindo, em muitos casos, sua prática ecumênica a um mero adorno de suas atividades. Ou então assumindo essas práticas na medida em que reforçam as proposições teológicas e políticas dos grupos reduzidos ao denominador comum do movimento pentecostal/carismático.

Em outros países da América Latina e do Caribe esta situação se apresenta de modo um tanto diverso. Ali as igrejas históricas não tiveram o mesmo tipo de presença como no Brasil e o movimento pentecostal desde a década de 60 manifestou

sensibilidade à cooperação inter-eclesial. Sinal importante disso é o fato de 25 por cento das Igrejas representadas na Assembléia de Oaxtepec, e hoje membros do CLAI, serem pentecostais.

Da perspectiva do diálogo e da ação pastoral com o catolicismo a situação é mais desencorajadora. As velhas desconfianças e repúdios persistem e são fortalecidas pela situação de concorrência, tanto de um lado como de outro. Os avanços alcançados nos décadas de setenta e oitenta parecem ter-se estagnado, tanto pelos mesmos motivos acima apontados como pelo esgotamento do interesse pelo modelo de ecumenismo até então exercitado, em função das mudanças havidas na conjuntura mundial com o advento da globalização econômica e da aparente falta de perspectivas utópicas para sua operacionalização. Entretanto, pequenos núcleos no interior das Igrejas, denominados por alguém de “ilhas de resistência” não deixam o sonho morrer e insistem na sua realização.

## A modo de conclusão

Parece que há institucionalidades eclesiais debatendo-se para sobreviver nestes tempos, aparentemente novos, tanto no Brasil como por toda a América Latina. Mas a história é um processo de longo curso e os fenômenos religiosos que se dão no seu interior não são estáticos. Configuram-se como processos sociais dinâmicos que, uma vez estabelecidos, não cessam de passar por transformações, assimilando novas características e deixando de lado outras para garantir sua sobrevivência e sua expansão.

Ao longo das últimas décadas, em função das tremendas mudanças ocorridas no mundo e de modo particular no continente, uma nova dinâmica se estabeleceu no interior do mundo cristão não-católico-romano, tanto no Brasil como em outras paragens destes trópicos fantásticos. A religiosidade pluriforme que se desparrama por todo o continente, e que parece nova nas suas exterioridades, mas que guarda as mesmas visões e revelações dos tempos duros da escravidão e da exploração impiedosa que se viveram e que se continua a viver, na pele e na alma de milhões de excluídos, prosseguirá sua expansão, pelo menos enquanto nossas sociedades não deixarem de ser pro-

dutoras de miséria, desestruturação psíquica e insegurança física e emocional para a imensa maioria de seus habitantes.

Em meio a esse torvelinho, aqueles que encontraram sentido para suas vidas nos valores articulados pelo *espírito do protestantismo*<sup>7</sup> não podem deixar de lembrar que este sempre entendeu a Igreja como expressão precária, na história, da ação libertadora e humanizante do Espírito de Deus no mundo. Daí a máxima dos reformadores: "*ecclesia reformata et semper reformanda*", ou seja, "a Igreja reformada sempre em processo de reforma", continuar em plena vigência animando aqueles que ainda insistem em esperar por um novo tempo de humanidades florescentes... "contra toda a esperança..." (Rom 4.18).

### Referências bibliográficas

- ALVES, Rubem. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- BITTENCOURT FILHO, José. Matriz religiosa brasileira - notas ecumênicas. Rio de Janeiro, *Tempo e Presença*, n. 264, p. 49-51, 1992.
- \_\_\_\_\_. ROLIM, F. C., HORTAL, Jesús. *Novos movimentos religiosos na Igreja e na sociedade*. São Paulo: AM Edições, 1996.
- LEONARD, Émile G. *O iluminismo num protestantismo de constituição recente*. São Bernardo do Campo: Programa Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1988.
- \_\_\_\_\_. *O protestantismo brasileiro*. São Paulo: ASTE, s/d.
- MENDONÇA, Antonio G. Discussão sobre a viabilidade do protestantismo histórico no Brasil. *Notas*, v. 1, n.3, 1994.
- \_\_\_\_\_. VELASQUEZ FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1992.
- TILLICH, Paul. *A era protestante*. São Bernardo do Campo: IEPG, 1992.

Zwinglio Mota Dias  
Rua da Laguna, 265  
Jardim Glória  
Juiz de Fora-MG  
36015-230

---

7 Paul TILLICH, *A era protestante*, p. 181 ss.